

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

Roberto Gavaldón, O Outro Mexicano

25 de Setembro e 1 de Outubro de 2025

ACUÉRDATE DE VIVIR / 1953

Tens de Viver

um filme de ROBERTO GAVALDÓN

Realização: Roberto Gavaldón / Argumento: Mauricio Magdaleno, Edmundo Báez, Roberto Gavaldón / Fotografia: Agustín Martínez Solares / Música: Manuel Esperón / Direcção artística: Jorge Fernández / Montagem: Rafael Ceballos / Interpretação: Libertad Lamarque (Yolanda), Carmen Montejo (Leonora), Miguel Torruco (Manuel Iturbide), Joaquín Cordero (Jorge, adulto), Elda Peralta (Marta), Yolanda Varela (Silvia), Luis Rodríguez (Andrés), Tito Novaro (José Eduardo Pacheco), Dolores Camarillo (Margarita), Juan Orraca Jr. (Andrés, criança), Nicolás Rodríguez Jr. (Jorge), Bárbara Gil (Esther), Tito Junco (Engenheiro Raúl Fuentes).

Produção: Filmex (México) / Produtor: Gregorio Walerstein / Director de Produção: Jacobo Derechín / Cópia: em 35mm, preto e branco, 107 minutos, versão original com legendas em português / Estreia mundial: 5 de Fevereiro de 1953, México / Estreia em Portugal: 17 de Junho de 1955, Cinema Condes / Primeira exibição na Cinemateca.

“Lembra-te de viver, a vida passa e não volta mais...”

“Se um género define o cinema nacional, quase na sua totalidade, é precisamente o melodrama: há os “rancheros”, de suspense, de terror psicológico, infantis, familiares, revolucionários, eróticos, de luta livre, urbanos, dos bairros da lata e mais, uma extensa gama que fala da permanência do melodrama na produção nacional”, escreveu Rafael Aviña em *Una Mirada Insólita: Temas e Géneros del Cine Mexicano*. E continuava: “A partir do século XIX, foi o nome dado a obras teatrais de carácter folhetinesco nas quais se criavam situações melodramáticas exageradas com o fim de comover facilmente o público, um recurso que se universalizou no cinema e que ainda se utiliza, sobretudo na telenovela, que se alimenta do mais absurdo cinema melodramático.” Um género que atravessava assim a literatura, as fotonovelas, as radionovelas e as telenovelas e uma grande parte do cinema mexicano entre os anos trinta e os anos sessenta, o período áureo dos géneros e do próprio cinema mexicano. E Aviña enumerava ainda as características do género melodramático, ao qual a Cinemateca dedicou recentemente um grande Ciclo, entre elas: um argumento sentimental; uma acção intensa, por vezes violenta; personagens muito convencionais; um triunfo final da virtude sobre a maldade,...

Um género que leva ao extremo as emoções e as relações humanas, muito particularmente as amorosas. “A aventura da humanidade é o amor” afirmava uma personagem de um filme nos antípodas de **Acuérdate de Vivir**, realizado quase ao mesmo tempo, que mostraremos na Cinemateca no início de Outubro; **Ji Bun No Ana No Nakade/Cada um na sua Cova**, um genial drama negro e seco, realizado pelo japonês Tomu Uchida em 1955. A grande aventura de **Acuérdate de Vivir** também é o amor, e neste caso muito

particularmente as paixões de Yolanda, a protagonista. Amores frustrados que serão o motor de um filme conduzido inteiramente pelos desejos e paixões de um conjunto de mulheres.

Se na tragédia o espectador se identifica normalmente com a culpa, no melodrama identifica-se com a inocência ameaçada, num universo em que as personagens estereotipadas e contrastantes imperam: as bondosas e inspiradoras de piedade (como Yolanda, ou Lenora – Libertad Lamarque e Carmen Montejo, mais uma vez), e as maléficas e sem escrúpulos, cuja crueldade não tem limites (como Marta). Mas o bem acaba por triunfar sempre sobre o mal e as pecadoras acabam por merecer o seu castigo. **Acuérdate de Vivir** tem todos estes ingredientes a um nível hiperbólico. Yolanda nasceu para sofrer e os erros e os enganos sucedem-se desde o início: o homem que ama casa-se por engano com a sua irmã, cuja voz é igual à sua. Intuímo-lo de entrada quando alguém diz que as vozes de ambas são iguais. Os mecanismos da “substituição”, tão caros ao cinema de Gavaldón, são assim postos aqui em prática com a justificação de um corpo que, por recato, se esconde atrás de uma janela. Não se trata aqui de duas irmãs gémeas, como em **La Outra** (1946), um dos grandes sucessos de Gavaldón, mas de duas vozes gémeas no corpo de duas irmãs.

Melodrama musical, na voz sofrida de Lamarque surge o refrão: “Lembra-te de viver, a vida passa e não volta mais...”. Frase que rima com as palavras da empregada que lhe diz que “está livre”, que “tem de viver”. “Demasiado tarde para mim, replica Yolanda.” Mas a procissão ainda vai no adro, numa história que envolve voltas e reviravoltas e muitas surpresas, e em que Yolanda deixa a casa de origem para dar aulas na cidade, para de seguida ir viver para uma casa estranha como perceptora de duas crianças, “substituindo” a mãe destas, que se encontra numa cadeira de rodas.

Se alguém escrevia que nos filmes a família mexicana é geralmente um universo limpo e honesto, aqui não é sempre assim. As aparências iludem, e se Yolanda se sacrificou pelas irmãs, espera-a um duplo sacrifício e um repetido sofrimento. Como tão justamente se escrevia no nosso programa: “Se o melodrama é indissociável de um certo masoquismo sentimental, **Acuérdate de Vivir** puxa isso ao extremo (...) Tudo tão exacerbado e fatalista que se torna um exercício poético, quase abstracto, sobre o sacrifício, a rejeição, a abdicação, e todas as feridas sentimentais decorrentes.” **Acuérdate de Vivir**, com todos os seus excessos e os múltiplos sacrifícios de Yolanda, é tudo isto e muito mais. Um melodrama no seu estado superlativo.

Joana Ascensão